

## **A apreensão lírica do real: variações sobre (alguma) poesia de Astrid Cabral**

### **The lyric apprehension of reality: variations on (some) poetry by Astrid Cabral**

Henrique Marques SAMYN<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio propõe uma interpretação da poesia de Astrid Cabral, analisando como as esferas racional e afetiva são concebidas como complementares no que tange à apreensão do real pela subjetividade.

**Palavras-chave:** Astrid Cabral; poesia brasileira; subjetividade; poética.

**Abstract:** *The essay proposes an interpretation of Astrid Cabral's poetry, analysing how rational and affective spheres are taken as complementary in the apprehension of reality by the subjectivity.*

**Keywords:** Astrid Cabral; Brazilian poetry; subjectivity; poetics.

#### **1. Primeira variação: da formação do lirismo**

“Convivo com a poesia desde o jardim da infância”, afirmou Astrid Cabral em uma entrevista (2015, p. 359). Por conta dessa relação íntima com a poesia que se estende ao longo de toda a vida; por conta das circunstâncias particulares em que, ao longo do tempo, a escritora produziu sua obra literária; por conta da importância de elementos subjetivos – que serão extensamente analisados neste ensaio<sup>2</sup> – em sua poética, começo com um breve e parcial esboço da trajetória biográfica de Astrid Cabral.

Nascida em Manaus, a futura escritora era ainda muito jovem quando viajou com os pais por Salvador, Niterói e Recife. Aos quatro anos, após a morte do pai, retornou à casa dos avós maternos, passando a morar num sobrado em frente ao Palácio Rio Negro. Aprendeu a ler aos cinco anos, com uma professora portuguesa da vizinhança que, “sem usar a temível palmatória de algumas escolas”, apresentou-lhe um “mundo mágico de fábulas e contos de fada” (2008a, p. 16) – episódio significativo por ensejar um conhecimento da leitura não marcado pela obrigação ou pelo punitivismo, o que pode haver fomentado uma percepção lúdica das palavras resgatada em alguns

---

1 Professor Adjunto do Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro – Brasil. Email para contato: marquessamyn@gmail.com.

2 Este texto sintetiza, revisa, amplia e reelabora diversos artigos recentemente publicados por mim em torno da obra de Astrid Cabral; cf., na bibliografia: Samyn, 2008, 2009, 2012, 2013, 2015.

poemas de Astrid acerca da infância<sup>3</sup>.

Astrid frequentou o Colégio das Dotoreias entre os seis e oito anos, deixando-o “em protesto contra o diversificado tratamento dado às alunas, segundo a posição sócio-econômica” (2008a, p. 16); concluiria o primário em outra instituição, o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, por ela percebido como mais democrático. Descobrimo a literatura aos onze anos, meia década mais tarde publicou seus primeiros artigos e crônicas na imprensa local. Aos dezoito anos, Astrid ingressou na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro, para estudar Letras Neolatinas; já formada, casada com o poeta Afonso Félix de Sousa e mãe de dois filhos, mudou-se para Brasília, integrando a primeira turma de docentes da recém-fundada UnB.

Astrid só viria a revelar-se escritora em 1963, com a publicação do livro de contos *Alameda*, aliás concluído cinco anos antes; já o seu (mais conhecido) talento poético permaneceria latente por outros dezesseis anos, por força da vida familiar e dos afazeres profissionais – o que evidencia o peso imposto pela sociedade patriarcal às mulheres. Esse ponto específico foi abordado por Astrid em uma entrevista na qual observou que, no caso da mulher escritora, “a qualidade de sua vida enquanto esposa/mãe/dona de casa na atual conjuntura (ausência de creches e o trabalho doméstico que nem sempre o companheiro aceita dividir) atrapalha a disponibilidade necessária à expansão de seus dons” (2015, p. 340). Por conta disso, apenas em 1996, aposentada do serviço público, Astrid encontraria condições que lhe permitiriam dedicar-se mais intensamente ao labor literário: se antes as circunstâncias impunham à sua produção um ritmo irregular, agora finalmente poderia mergulhar na tarefa criativa, construindo uma das obras poéticas mais importantes da recente história literária brasileira. Aos livros até então publicados esparsamente – além dos já citados, *Ponto de cruz* (1979); *Torna-viagem* (1981); *Lição de Alice e Visgo da terra* (1986); e *Rês desgarrada* (1994) –, somaram-se *Intramuros* (1998), *Rasos d’água* (2003), *Jaula* (2006), *Ante-sala*<sup>4</sup> (2007), *Palavra na berlinda* (2011) e *Infância em franjas* (2014), além de diversas coletâneas.

Meu objetivo neste artigo é apresentar algumas considerações em torno de alguns aspectos específicos da produção astridiana; mais especificamente, uma reflexão em torno da figuração da subjetividade em sua poesia, com ênfase no que denominarei

---

3 Veja-se, p. ex., a análise de “A mágica das palavras”, na parte final deste trabalho.

4 O título da obra não segue as normas do novo acordo ortográfico por opção da autora.

apreensão lírica do real – conceito cujo sentido será esclarecido ao longo do texto. Por conta da necessidade de estabelecimento de um recorte que viabilize esta tarefa, trabalharei principalmente, mas não exclusivamente, com poemas constantes de obras compostas entre 2007 e 2014.

Por esse mesmo motivo, optei por iniciar o ensaio com algumas observações de cunho biográfico; penso que elas explicitam dois aspectos da trajetória pessoal da escritora cruciais para uma compreensão de sua produção literária. De um lado, há as vivências da infância e da adolescência, nas quais o aprendizado da leitura e o convívio com a literatura ocuparam um lugar central; participando de uma subjetividade em formação, essas experiências inevitavelmente possibilitaram que nela o lirismo se consolidasse como modo primário de apreensão do real. De outro lado, há que se observar o tempo transcorrido até que a obra lírica astridiana viesse a lume com maior regularidade – o que possibilitou que isso ocorresse quando a escritora já alcançara um nível de amadurecimento que lhe facultaria conferir ao texto poético uma mundivisão autêntica e progressivamente mais densa.

## **2. Segunda variação: lirismo e subjetividade**

Uma das características mais evidentes da poesia astridiana é a diversidade temática – algo patente, inclusive, na organização de uma das antologias de sua obra, especialmente relevante por facultar à autora a seleção e ordenação dos poemas recolhidos; com efeito, ao preparar *50 poemas escolhidos* (2008b), Astrid Cabral optou por estruturar o volume a partir de cinco núcleos temáticos: “Passagem”, “Paisagem”, “Paixão”, “Protesto” e “Pensamento”. Isso não apenas permite entrever a versatilidade de seu estro, como também sinaliza para o fato de sua obra conceder igual atenção a vertentes que, nas produções de outros autores, costumam predominar; com efeito, na lírica astridiana conjugam-se a ação e o pendor contemplativo, os afetos e a racionalidade crítica – de modo a perpassar toda a complexidade própria da existência humana. Por outro lado, afastando-se da pretensão de “poetizar o banal” característica de parte considerável da poesia contemporânea, Astrid parece comprometida com uma tarefa diversa, a saber: a construção de uma hermenêutica do real que seja fundamentalmente determinada pela experiência lírica. Conquanto a princípio essa

diferença possa parecer pouco importante, ela ganha relevo quando se considera o papel central que a subjetividade nela ocupa.

Pode-se vislumbrar a especificidade dessa proposta, por exemplo, num poema como “Ritual”, de *Lição de Alice* (1986, p. 22), em que a lúcida consciência que rege o gesto cotidiano espontaneamente abre espaço para uma reflexão acerca das responsabilidades intrínsecas à criação literária –

Todas as tardes  
rego as plantas da casa.  
Peço perdão às árvores  
pelo papel em que planto  
palavras de pedra  
regadas de pranto

–, bem como em “Tour Eiffel”, parte da série “Postais de Paris” publicada em *Intramuros* (2011a, p. 86), poema em que a contemplação do monumento, rechaçando o automatismo e o alienante deslumbramento frequentes nos turistas, converte-se num questionamento que acaba por remeter à precariedade da condição humana –

Vertical a carcaça de metal  
do dinossauro cartesiano  
hipnotiza os turistas  
formigas no vão das vigas.

Em ambos os casos, o que há não é um dado real submetido de modo contingente ao discurso literário, mas uma apreensão da realidade que é condicionada pela experiência lírica. O fato de essa experiência operar como *sine qua non* está associada a uma concepção particular acerca da posição da subjetividade no processo de criação poética, uma vez que ela é mobilizada de modo integral – o que implica a convocação de toda uma pletora de elementos afetivos e racionais – para que aquela possa ocorrer; é como se a poética astridiana ampliasse o conhecido verso do Pessoa ortônimo, “o que em mim sente stá pensando” (1998, p. 78), para complementá-lo com uma inversão dos termos que o compõem: “[também] o que em mim pensa está sentindo”. Rechaçando qualquer tipo de hierarquização, a literatura de Astrid Cabral busca superar estéreis antinomias, reconhecendo a importância dos modos perceptivos que escapam à racionalidade para a compreensão do mundo, mas simultaneamente

admitindo o papel da razão como mediadora.

Evidentemente, essa relação não excludente entre cognição e sensibilidade não ocorre de modo simples; trata-se antes de uma perene procura, efetuada no âmbito da subjetividade, ao longo da qual o equilíbrio é alcançado por intermédio de uma disposição singular que logra aplacar os tensionamentos entre o pensar e o sentir. De fato, o rigor com que essa equalização é buscada na poética astridiana emerge como uma de suas características fulcrais. Como a escritora observou em uma entrevista, embora a emoção ocupe um papel central em sua obra, ela é sempre controlada: “ponho brida nos cavalos do ímpeto”, afirmou Astrid Cabral, que assim descreveu sua prática de escrita: “O processo de criação se inicia de forma arrebatada. Vou guardando os rabiscos, os rastros desses instantes de percepção. Posteriormente, eu os reelaboro com visão mais crítica e distanciada” (2015, p. 351). Assim se compreende porque mesmo o que, num primeiro momento, possa emergir como exaspero é submetido a uma ponderada elaboração, a fim de que possa alcançar o máximo de significação lírica.

Por outro lado, cabe observar que a centralidade ocupada pelo sujeito na literatura astridiana está intrinsecamente associada ao modo como elementos (auto)biográficos são constantemente evocados para seu universo poético; isso não se dá, contudo, sem que sejam submetidos àquele mesmo procedimento anteriormente analisado – em outras palavras: mesmo o resgate da história subjetiva, por intermédio da evocação de memórias e lembranças, ocorre no âmbito daquela percepção do mundo determinada pela abertura ao lirismo. À guisa de ilustração, veja-se a “Elegia derramada”, de *Visgo da Terra* (2005, p. 37), síntese lírica das múltiplas faces de Manaus composta a partir de uma imagética memorialística afetivamente evocada –

Manaus de matinês que sabem a flertes e chicletes,  
Chaplin, banguê-banguês, Gordo e Magro, astros a brilhar  
nas telas dos cines Politeama, Guarany, Avenida e Éden.  
Noturnas madrugadas de sinos, galos e lerdas estrelas,  
altura de lua morosa, sobras de chuva pelas sarjetas

ou “Voz no exílio”, de *Rês Desgarrada* (1994, p. 31), angustiado desafogo da escritora que, distante de sua terra, luta para conciliar a propensão lírica e a racionalidade necessária:

Meu país,  
o lirismo não me deixe cega,  
oh terra que me faz feliz/infeliz  
tão farta que estou  
de tantos falsos aristocratas  
e mendigos tão reais.

### 3. Terceira variação: poesia e finitude

No que tange aos questionamentos de teor existencial, ocupa um lugar privilegiado na produção astridiana *Ante-sala* (2007) – obra em que, apesar da diversidade temática característica da produção dessa autora, percebe-se um investimento particular nas indagações em torno da finitude humana. Não obstante, e considerando a propensão totalizante presente em toda a obra de Astrid Cabral, esse motivo não emerge de forma isolada; assim, ao voltar-se para a tematização da morte, o discurso poético evoca simultaneamente a vida, o tempo, o amor e todo o vasto conjunto de motivos que acabam por desvelar, afinal, o que podemos entrever como essencialmente humano.

No poema que abre e intitula o livro<sup>5</sup> (2007, p. 13), Astrid revela-nos o que é esta ante-sala:

Este o mundo  
de mistérios  
refratários  
a microscópios.

[...]

Aqui os olhos  
embrulhados  
em dobras e sombras.

Esta a ante-sala:  
áspera espera  
de outra era.

Desta opção por versos curtos, de entre dois e cinco sílabas, resulta um discurso poético que expressa, na superfície textual, um tom aforismático que se coaduna com a matéria tratada; é uma composição, afinal, acerca da “ante-sala” que é nossa própria

---

5 Também publicado em *Lição de Alice* (1986), p. 15.

existência, sobre a qual sabemos tanto e tão pouco. Cabe considerar, por outro lado, que Astrid Cabral jamais abandona, em *Ante-sala*, o denso e intenso lirismo telúrico tão presente em sua obra – o que pode ser percebido, sobretudo, nos poemas reunidos em *Visgo da Terra* (2005) –, razão pela qual aquela “outra era” referida nos versos supracitados não está relacionada a qualquer espécie de além-mundo, mas à perenidade intrínseca ao real, à terra, à matéria, enfim: a toda experiência humana. Perene, afinal, é o existente – o mundo – para a consciência no momento mesmo em que essa o apreende enquanto real; é precisamente o que afirmam os versos de “Das coisas” (2007, p. 69):

Como disse um amigo às vésperas  
de seu embarque definitivo:  
*o mundo só se acaba pra quem morre.*  
Daí a sobrevivência das coisas.

A finitude, nessa medida, concretiza-se sobretudo na ausência: morrer é deixar aquela antessala rumo a uma conciliação definitiva com a eternidade da matéria. Toda a dor que nos aflige, por conseguinte, resulta desta trágica condição: estamos, ainda, apartados da eternidade com a qual sonhamos; assim, resta-nos conviver com a ausência dos que nela já imergiram – e que por isso sabemos presentes, todo o tempo, ao nosso redor. Resta-nos, todavia, a certeza de que é este o nosso sentido; ou, como afirma “Entre jardins” (2007, p. 20):

Em mim, porém, reina a fé:  
noutro jardim vou nascer.

Envergarei outras cores  
em nova forma de ser.

Ainda a esse propósito: na segunda edição de *Intramuros* (2011a), Astrid Cabral, acrescenta vinte e cinco poemas inéditos que, não obstante, coadunam-se perfeitamente com o espírito da obra. Que espírito é esse? Podemos sintetizá-lo evocando o título de um dos poemas que o compõem: trata-se de uma “reordenação do mundo”<sup>6</sup>. Se o texto assim intitulado tematiza as traças – “raça cúmplice da ruína” que rendilha papéis e faz pó de poemas; “raça cúmplice da vida”, que reconduz “páginas / às folhas primárias” (2011a, p. 67) –, talvez seja possível afirmar que *Intramuros* tematiza a nós, viventes e

---

6 Também publicado em *Jaula* (2006), p. 70.

existentes, que rearranjamos o que nos cerca a partir de nossos modos particulares de estar no mundo, deixando por toda parte nem sempre indeléveis marcas.

Sobre xícaras e amendoeiras, cães bifrontes e cavalos-marinheiros, cenas e paisagens versam os poemas de *Intramuros*; por meio deles, a poética astridiana registra o real em seus múltiplos instantes, fazendo do efêmero a matéria estética, sempre a partir da apreensão lírica do real. A esse respeito, vale destacar os poemas de *Roma sob pólen*, valioso acréscimo a essa segunda edição. Composto por vinte peças de variada fatura, o conjunto lírico atualiza a proposta central do volume encerrando uma longa meditação sobre o tempo e a História, a natureza e os feitos humanos, o que inevitavelmente evidencia a transitoriedade do que somos e do que erigimos (2011a, p. 101):

No antigo mercado  
nem mercadorias  
nem mercadores.

Palco e plateia às moscas  
no anfiteatro abandonado  
à persistência das folhas.

Casas sem portas e tetos  
abrigam por moradores  
ninhos de inseto e poeira.

Vale perceber, nesses versos, o modo singular de tratamento dos elementos históricos, esvaziados de seu sentido mais evidente em função da subjetividade que os sopesa a partir de uma reflexão que remete à transitoriedade de tudo, inclusive de si mesma, desse modo questionando a valoração estabelecida pelo senso comum.

#### **4. Quarta variação: as palavras e a memória**

*Palavra na berlinda* (2011b), como sugere o título, reúne poemas de pendor reflexivo, tendo como objetos privilegiados a linguagem e a criação literária. Embora o tom meditativo e o discurso metapoético não sejam elementos novos no universo lírico astridiano, há nessa obra uma ênfase particular no questionamento em torno dos liames entre silêncio, palavra e poesia – à maneira de uma ponderação da escritora sobre uma dilatada trajetória literária. Desse modo, debruçando-se sobre o que há de mais essencial



em seu ofício, Astrid propõe uma reflexão acerca de algumas das mais persistentes questões em torno da natureza específica da criação poética. Os versos iniciais de “A poesia me pede a mão” (2011b, p. 15), por exemplo, tratam dos mistérios em torno da inspiração:

A poesia me pede a mão  
sussurrando ao pé do ouvido:  
pega caneta e folha. Tira  
a roupa que te atrapalha.  
Joga fora a máscara diária.

Importa perceber como a meditação lírica enfatiza tanto a condição inesperada da inspiração poética – metaforizada no gesto de tomar pela mão e no sussurro que o acompanha – quanto o modo como a sua eclosão implica uma ruptura no cotidiano: o ato de despojar-se da “máscara diária” remete a um necessário afastamento da ordem rotineira; para a poesia acontecer, é preciso encontrar um outro olhar sobre o mundo, que permita desvelar uma pletora de sentidos habitualmente velada sob o manto da trivialidade. Uma peça como “O poema” (2011b, p. 17), por outro lado, versa sobre a lida com a criação textual propriamente dita:

O poema, esse fruto  
que não dá em árvore,  
carece de mão e mente  
para que possa nascer.  
[...]  
Demorado ou breve  
será o trabalho  
de apartá-lo das trevas  
e em berço de papel deitá-lo

O destaque conferido à “mão” e à “mente” alude à condição artificial do poema, ou seja: ao conjunto de tarefas envolvidas em sua construção, ao cabo da qual o produto bruto da inspiração lírica é burilado e transformado, por intermédio do trabalho, na obra oferecida à fruição estética. O processo de apartar o poema das trevas constitui uma etapa necessária para a superação de uma indesejada abstração que poderia, ao fim, torná-lo indecifrável ou abstruso; a materialização textual, etapa em que a substância lírica torna-se concretamente um poema, demanda uma capacidade de mediação que sustente o delicado equilíbrio entre lucidez e lirismo.

Penso que a publicação de obras como *Palavra na berlinda* e *Infância em franjas*, respectivamente em 2011 e 2014, pode ser percebida como marco celebratório de uma carreira literária que se estende por meio século; nesse sentido, é significativo que a primeira conceda destaque à própria criação poética – ou, em um segundo momento, à relação entre poesia e silêncio, onde “latentes, / jazem todas as palavras” (2011b, p. 59) – e a última tematize a época das “verdades essenciais”, como lemos em um dos mais belos poemas de Manuel Bandeira (1966, p. 206). O retorno à matriz do lirismo e a reflexão sobre o processo criativo podem ser percebidos como uma acutilante meditação sobre a própria poesia, sua origem e seu sentido, com a profundidade que apenas uma escritora que por longo tempo a ela se dedicou poderia alcançar.

A pletora de episódios liricamente resgatados em *Infância em franjas* permite-nos entrever um vasto conjunto de motivos fundamentais daquela produção literária que viria à luz quando Astrid Cabral, já adulta, publicasse os seus primeiros livros; não obstante, eu gostaria de destacar alguns versos de dois poemas que remetem diretamente à descoberta da poesia. Primeiro, este trecho de “A mágica das palavras” (2014, p. 31):

A mulher chegou da rua  
falando: *de uma cajadada*  
*matei dois coelhos.*  
Pensei: que mentirosa!  
Quer me fazer de boba!  
Onde já se viu coelho  
andando pela cidade?  
E onde arranjou cajado?  
[...]

Foi quando me dei conta  
de que palavras eram mágicas.  
As coisas podiam ser ditas  
de maneira enviesada.  
De brinca o mundo podia  
ser mostrado à vera.

O que temos aí figurado é o precioso momento de descoberta do potencial simbólico da linguagem – ou, consoante a infantil interpretação aludida no poema, a descoberta de como as palavras poderiam, magicamente, propiciar outras formas de dizer as coisas. A aparente mentira encerrava, de fato, a verdade; o que mudava era a forma de dizê-la, estando aí a revelação fundamental: as palavras não apenas podem

dizer o mundo; mais do que isso, podem brincar com a realidade, criando novos mundos a partir dela. Vale ressaltar que o dizer “de brinca”, remetendo à possibilidade de jogar ludicamente com a linguagem, não é ali desvinculado de uma veracidade essencial – o mostrar “à vera” –, o que implica no reconhecimento da importância de um ludismo que faculta, afinal, o desvelamento de outras verdades sobre o mundo que nos cerca, resgatando tudo aquilo que permanece oculto sob a opacidade do cotidiano.

À guisa de conclusão, cito um fragmento de “Mágoas” (2014, p. 48):

O que machucava  
não era palmada  
nem mesmo surra.  
A carne da bunda  
não tinha memória.  
O que machucava  
sim, era a injustiça  
ou a desmedida  
entre culpa e castigo  
seguida do perdão  
sonogado ou adiado  
por conta do orgulho  
da autoridade ofendida.

Escolho esses versos para encerrar este ensaio por tangenciarem, vinculando-as à infância, algumas das questões mais caras à poética astridiana. O que eles, afinal, evidenciam é que, naquela mesma época em que a jovem Astrid Cabral descobria o poder criativo da linguagem, sua consciência despertava para uma outra questão: a injustiça – cujo efeito era mais doloroso do que o castigo físico, visto encravar-se na memória, perdurando quando já haviam desaparecido as marcas na carne. Associada ao autoritarismo, portanto afirmada em toda a sua arbitrariedade, a injustiça assim sofrida porventura emergiu como o primeiro anúncio de um desequilíbrio ontológico; de um desconcerto que superava aquele gesto, visto perpassar a existência como um todo.

A apreensão lírica do real, componente essencial da poesia astridiana, de diversos modos articula-se com esse desequilíbrio, tema abordado em diversos momentos destas “variações” – particularmente na tentativa de lidar com o motivo, jamais satisfatoriamente equacionado, da transitoriedade humana; e na busca pela restauração do universo de significados solapado pelas premências do cotidiano, que acabam por instituir uma alienante clivagem entre a subjetividade e o mundo em que

está imersa. Nesse sentido, e com o risco intrínseco a qualquer generalização sobre uma obra poética densa, talvez seja possível destacar, como questão fundamental na lírica de Astrid Cabral, a procura pela restauração da integridade da subjetividade humana, por meio de um olhar sobre o mundo que, embora percebendo-o em todas as suas contradições, seja capaz de desvelar sentidos que justifiquem a existência, tornando toleráveis as experiências de dor e injustiça – ao menos superáveis, em última instância, na sensibilidade capaz de descobrir a beleza que nos rodeia.

## Referências

- BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**: poesias reunidas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- CABRAL, A. **Lição de Alice**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Visgo da Terra**. 3ª ed. Manaus: Valer/Edua/UniNorte, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Jaula**. Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Ante-sala**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Antologia Pessoal**. Brasília: Thesaurus, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **50 poemas escolhidos pelo autor**. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2008b.
- \_\_\_\_\_. **Intramuros**. 2ª edição, revista. Manaus: Editora Valer, 2011a.
- \_\_\_\_\_. **Palavra na berlinda**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011b.
- \_\_\_\_\_. **Infância em franjas**. Rio de Janeiro: Editora KD, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Sobre escritos**: rastro de leituras. Manaus: EDUA, 2015.
- PESSOA, F. **Ficções do Interlúdio**: 1914-1935. Org. Fernando Cabral Martins. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- SAMYN, H. M. Ante-sala do Eterno. **Speculum**. São Paulo, 30 mar. 2008.
- \_\_\_\_\_. Poesia sem renúncia. **Speculum**. São Paulo, 25 fev. 2009.
- \_\_\_\_\_. A pungência do real. **Clave Crítica**. Rio de Janeiro, 27 fev. 2012. Disponível em: <https://clavecritica.wordpress.com/2012/02/27/a-pungencia-do-real/>. Acesso em abril de 2016.
- \_\_\_\_\_. Antologia de uma vida. **Jornal de Poesia**. Fortaleza, 1 mar. 2013. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/hmarques.html#astrid>. Acesso em abril de 2016.
- \_\_\_\_\_. A celebração da poesia. **Jornal Rascunho**. Curitiba, 1 fev. 2015. p. 10.